

RACISMO AMBIENTAL E POLÍTICAS PÚBLICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS

Maria de Fátima Beraldo¹

Margarida de Cássia Campos²

INTRODUÇÃO: A composição intitulada Lata D'Água na cabeça de autoria de Luiz Antônio e Joaquim Candeias Junior – Jota Junior (1952), imortalizada na voz da intérprete Marlene, se ocupava em denunciar a violência advinda da desigualdade social ligada às condições do meio ambiente. Veja a letra: [... “ Lata d'água na cabeça/ Lá vai Maria/ Lá vai Maria/ Sobe o morro e não se cansa/ Pela mão/ Leva a criança/ Lá vai Maria/ Maria lava roupa/ Lá no alto/ Lutando pelo pão/ De cada dia/ Sonhando com a vida/ Do asfalto/ Que acaba/ Onde o morro principia”...]. Observe que a história contada, retrata o cotidiano de pessoas expostas aos mais variados tipos de violências resultantes de centenas de anos de colonização, escravização e políticas públicas inexistentes ou insuficientes responsáveis por corrosão social. Interessante destacar que essas pessoas têm gênero, classe social e cor; geralmente, são mulheres negras em situação de extrema pobreza.

O presente texto apresenta alguns debates relacionados a uma pesquisa de doutorado em andamento no curso de pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina que pretende apresentar propostas de políticas públicas de ações afirmativas de recorte racial de combate ao racismo ambiental em Londrina, em articulação com o Movimento Negro. Os problemas ambientais constituem-se em pauta urgente para a continuidade da vida humana. As pessoas negras por se encontrarem em situações de maior vulnerabilidade social são as principais vítimas da degradação ambiental, em especial em países do Sul Global. E isso ocorre, na maioria das vezes, por negligência das autoridades governamentais ao não criar políticas públicas para combater os efeitos deletérios do racismo. A análise desse fenômeno social denomina-se racismo ambiental. Sendo assim, cabe ao Movimento Negro tencionar o estado brasileiro quanto à formulação de políticas públicas de ações afirmativas de recorte racial com objetivo de combater o racismo ambiental.

METODOLOGIA/ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO: A pesquisa se orienta por meio da abordagem qualitativa, articulada à pesquisa bibliográfica, utilizando a verificação e compreensão de conceitos que se constituem como fonte para o estudo como: raça, racismo ambiental, políticas públicas de ação afirmativa e movimento negro. Além da utilização de uma técnica de recolha de dados, denominada de grupo focal, com 6 a 10 integrantes do movimento negro do município. Dados estes que na roda de conversa são concretizados por meio dos relatos da população local. Um segundo momento da pesquisa será sobre a atuação junto às comunidades tradicionais de terreiros no projeto

¹ Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina, mestra em Sociologia pela Universidade Estadual de Londrina. Professora da Educação Básica do Paraná e da Prefeitura do Município de Londrina, Colaboradora do NEAB-Uel ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3044-4240>, contato: fatimaberaldobayo@gmail.com

² Professora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Londrina

de extensão: Território em Voz: Racismo ambiental em Debate, desenvolvido e coordenado pelo NEAB – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Estadual de Londrina. O projeto de extensão se constituiu em espaço de estágio de doutorado, cujas ações, ali, realizadas serão ³contextualizadas na presente pesquisa e farão parte dos dados referentes às espacialidades do Racismo Ambiental em Londrina. Metodologicamente, para o diálogo foi aplicada uma roda de conversa considerando se tratar de grupos em situação de exclusão social, cujos corpos e vivências se desenvolvem em territórios afetados por ausência de políticas públicas ou omissões ambientais. A escolha da roda de conversa como ferramenta metodológica, parte do reconhecimento de que os sujeitos que vivem no território acumulam conhecimentos e experiência ancestral de natureza prática em relação ao meio ambiente, a exemplo de degradação ambiental e crise climática que deixam de ser alcançados por dados técnicos isolados.

O princípio do diálogo com a comunidade, nas rodas de conversa, foi intermediado por Antônio Bispo dos Santos que situa sobre o racismo dizendo: [O racismo acontece contra todas as vidas. Contra as raças de fruta, de peixes e também contra os animais silvestres, que foram diminuindo.] (2023), para falar a respeito de existências, trajetórias, resistência e modo de ser e estar no cosmos. Também, trouxemos para ampliar e fundamentar o debate: Ailton Krenak – (Futuro Ancestral), Carolina Maria de Jesus (Quarto de Despejo), Cida Bento (Pacto da Branquitude) e a escritora Conceição Evaristo em (Becos da Memória e Olhos D'Água).

RESULTADOS E DISCUSSÃO: A pesquisa está em andamento, contudo os resultados parciais encontrados, principalmente, a partir do envolvimento em debates, seminários, e diálogos realizados com as comunidades tradicionais e comunidades de terreiros, já sustentam ser possível indicar o racismo ambiental como um conceito em construção. Conceito este, que requer amplo debate para uma melhor compreensão na forma de intervenção com vistas a reduzir sua abrangência e danos às populações em áreas pauperizadas.

Espera-se por meio deste estudo propor a urgência desse tema nas pesquisas em Ciências Humanas, bem como na pauta política para demais municípios do Brasil. É, ainda, intenção apresentar proposta de criação de políticas públicas específicas de promoção da justiça climática e apontar a importância da inclusão da justiça climática no orçamento, pois não há como aplicar política pública sem financiamento.

Palavras-Chave: Racismo Ambiental; Justiça Climática; Políticas Públicas Afirmativas; Movimento Negro.

Agradecimentos: À Universidade Estadual de Londrina, pelo suporte à produção acadêmica. À minha orientadora e à co-orientadora pelo aporte e contribuição na formulação da presente pesquisa. E, ainda, ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro quanto ao apoio e viabilização de espaço e estrutura para realização do estágio de doutorado.

Referências

BISPO DOS SANTOS, Antonio. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora, Piseagrama, 2023.112 pp.

COSTA, Antonio de Pádua Vieira (Luiz Antonio). JUNIOR, Joaquim, Antonio Candeias (Candeias Jota Junior), Editor Todamerica, <https://www.vagalume.com.br/marlene/lata-dagua.html> Acessado em 28/04/2026.